

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*...alumia-vos e
aponta-vos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

RECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista 854 — PORTO

(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10

PORTO

A Religiosidade Banida

A Russia pune o ensino de qualquer religião e persegue os seus professores que *espalham o veneno embriagante da religião pelos cidadãos.*

A França afasta o ensino religioso das escolas; a Yugo-slavia quer seguir este exemplo.

Vejam os que pode isto conduzir: Cinco seculos antes que uma religião existisse, Abraham inventou «a religiosidade», isto é, a conservação do homem com esta propria voz interna, que Deus colocou no coração de cada filho.

O ensino da religião tem por fim chamar a atenção da criança para esta voz da consciencia' desenvolver a sua faculdade de a escutar, e de reforçar a sua vontade de se deixar guiar por ela.

E' o ensino *elementar* da religião, que melhora a qualidade da produção.

Mas, os soviets pensam que tal melhoraçãõ torna a população menos apta para a guerra.

A isto a historia demonstra, que uma coligaçãõ é depressa formada, para combater cada nação com imposturas brutais, enquanto os estados mais pequenos e mais fracos enfileiram-se entre os vencedores, desde que a sua cultura se harmonise com a da grande familia das nações.

Para a duração do Estado, é pois importante, elevar a qualidade dos seus habitantes á altura cultural da humanidade. Desde a infancia, o ensino da Reli-

gião eleva a qualidade da população, cultivando-lhe esta voz interna.

Mais difficil é o ensino religioso nas classes superiores que baseando-se nos exemplos da historia, deve demonstrar que as desgraças e malquerenças elevam os individuos piedosos a felicidades novas e superiores.

Assim, a grande desventura da familia de Jacob, cujo amado filho foi roubado por mercadores madianitas e vendido a uma caravana ismaelita, que o revendeu aos egipcios, procurou para Joseph as insignias de vice-rei do Egipto, cuja côrte foi incantada pela sua profunda religiosidade, que recusando todos os elogios, attribuindo todo o mérito á inspiração divina.

O grande flagelo dos seus descendentes, á escravatura egipcia, procurou para o povo de Israel a gloria, de ter libertado a humanidade das atrocidades da lei babilonica (que então dirigia o mundo), e de ter colocado todos os povos sobre a base cultural da Biblia, até aos nossos dias.

O grande desastre da deportação do povo de Israel em Babilonia, foi a sua salvação do marasmo imoral do seu proprio paiz, constantemente atravessado por tropas assírias, babilónicas e egipcias.

Babilonia que devia ser a sua prisão, tornou-se o seu terreno de gloria, porque foi ali que Israel fundou as suas celebres

academias, a de Susa, de Nehardea, de Pumbadita e de Mahusa, de onde saiu a obra imortal do Talmude, e cujo areópago foi reconhecido pelos persas vencedores como seu tribunal de Estado.

A' desgraça da Inquisição, Israel deve a gloria de ter fundado a primeira colonia europeia, pacificamente estabelecida e cultivando a terra na America.

Depois a gloria de ter fundado o commercio marítimo aos holandezes, inglezes e aos alemães, em consequencia do convite de Cromwell e do Senado de Hamburg.

A desgraça dos Progromos (massacres) russos elevou Israel á honra de ter despertado a Terra Santa uma vida nova, secando-lhe os pantanos e fertilizando-lhe os desertos.

A historia prova que as vitorias da força bruta são sempre efemerias. Deus faz cair os gigantes pelos anões; os goliaths couraçados e armados por David o pastorsinho que apenas tinha nma pedra na mão. O mais poderoso reino da antiguidade, a Babilonia foi derrubado por Ciro, co-regente da pequena Média; o qual fez reconstruir o Templo de Salomão, admirando o cntlo dos seus subditos judeus. Deus o recompensou estendendo o seu reino sobre 3 continentes. Quando os seus sucessores deram em perseguir os judeus, o enorme imperio persa derrocou, vencido por Alexandre, rei da pequenina Macedonia. Vemos tambem neste factio historico a repetição da benção de Abraham: *Eu abençoarei quem te abençoar* porque tambem Alexandre (chamado em seguida o Grande) foi admirador da cultura judaica deixando-se instruir pelos sabios judeus, a quem agradeceu com purpuras e cadeias de ouro. A benção divina não lhe faltou: o seu reino saído pa pequena Macedonia, espalhou-se finalmente por 3 continentes.

Mas a roda da historia gira sempre para a mesma repetição: os seus sucessores abusando da sua força material oprimiram os judeus, e foi de novo uma pequenina fracção: os *macabeus* que deu o sinal para a derrocada do Imperio mundial, deixado em herança aos seus sucessores por Alexandre o Grande.

Com uma consequencia historica e

e eterna que deveria fazer reflectir os politicos, foi de novo um paiz anão, a pequena Holanda, que fez o começo do esfacelamento do imperio gigantesco de Espenha, entre os limites do qual o sol não chegava a desaparecer, a qual abusava do seu poder para perseguir pelo braço da Inquisição os fieis da Thorah. A verdade; *Eu amaldiçoarei quem te amaldiçoar*, ficará eterna.

No mesmo ano em que o Tsar da Russia se vangloriava da grandeza do seu imperio igual á superficie da lua, o colosso russo, manchado pelos progromos, foi vencido pelo pequeno Japão, cuja força militar não conhecida até então.

Este brève resumo historico basta para reconhecer a verdade propagada pelos nossos profetas, estes incomparaveis politicos de Deus, que souberam, por entre imperios derrocando-os e povos morrendo, conduzir o seu pequeno povo para uma duração eterna, conciliando-o harmonissamente com a humanidade inteira, segundo as leis da Sagrada Escritura.

Eis porque um governo moderno, cuidadoso da durabilidade do seu Estado, não deve só confiar no desenvolvimento fisico dos seus subditos, porque são as qualidades da alma que é preciso desenvolver, afim de poder enfileirar *culturalmente* o seu povo, entre os nutros.

O ensino das sciencias não basta para este efeito.

O ensino da religião não deve limitar-se a formulas de orações e artigos de fé. Deve profundar nas classes infantis a voz da consciencia, nas classes superiores afirmar cem exemplos historicos o sentimento, que ha Alguem que dirige a sorte humana. Porque, sobre este sentimento repousa a tranquillidade da vida. Se os jovens se perdem nos conflitos do coração, e se os adultos perdem a sua fortuna, e se os nervos se vão, e se os corações quebrados querem fugir da vida,—é então que o *veneno embriagante da Religião* lhes lembra, que as pessoas piedosas atravessam as desgraças—para chegar a felicidades novas e mais elevadas.

O ensino da Religião tem por fim, nas classes infantis, desraizar o cinismo dos adolescentes criminaes, dos quais os

processos-verbais da policia dão um triste testemunho.

O ensino da religião nas classes superiores serve para a orientação historica ou profetica dos sêres desesperados, cujo tresloucamento é tristemente testemunhado pelas cartas dos que se suicidaram.

Os governos que expulsaram a religião das escolas, devêm refletir que vale

mais o *veneno embriagante da religião* que vos faz regressar á vida, do que o veneno do suicidio, que foge para fora da vida.

Eis porque Moisés, o fundador das religiões disse da sua Lei (A Thorah): *E' a arvore da vida para aqueles que a observam.*

Joseph Lazarus.

O Apostolo dos Maranos

(Recordações de viagem em Portugal)

VI

O Receblimento de Shabbath

Á noite fui convidado para assistir á oração.

O local que serve atualmente como centro da Comunidade consiste em dois ultimos andares duma velha casa no centro da cidade. São duas estancias adaptadas a biblioteca e a sala de reunião modesta e sem pretensões, mas suficiente para o fim. Os livros por ora são poucos, mas faz-se esforço para aumentar o numero. Barros Bastos apresentou-me a alguns dos seus adeptos que estavam juntos antes de começar a oração. Os seus nomes atravessaram-me o cerebro como um relampago; parecia-me ouvir o elenco dos fundadores da Comunidade de Londres, Nova York, Amsterdam e Livorno.

A actual sinagoga é uma dupla estancia, no segundo andar, mobilada com um pulpito, alguns bancos e a Arca da Lei. O pequeno ambiente é duma austera simplicidade, mas cheio de grande significação. Cada um dos seus pequenos tesouros tem a sua historia. Mantos para sefarim (livros da lei) oferecidos por piedosos simpatisantes da Comunidade de Lisboa. As velas oferecidas por uma senhora marana duma longinqua comunidade, orgulhosa por contribuir para esta santa obra, da mesma factura das que usamos habitualmente como luzes sabaticas. O docel nupcial é obra duma menina marana com 14 anos apenas.

Um dos rolos da Lei tem uma historia particularmente interessante. Foi escrito em Amsterdam por um hebreu português ha um par de seculos ou mais, usado depois pela Comunidade português da longinqua ilha de Barbados, e após, a desorganisação desta ultima, voltou para a Europa consignado á Comunidade Portuguesa de Londres, e finalmente, por meio do «Maranos Committee» desta cidade, oferecido á primeira Comunidade reconstituída em Portugal.

O pequeno local estava quasi cheio á hora da entrada do Sabado, e mais de metade dos presentes eram Maranos que poucos anos antes ignoravam o judaismo official. Officiava o proprio capitão, parte em hebraico e parte em português. Em vez do seu costumado discurso, pronunciou poucas palavras de boas-vindas directamente para mim, ás quais respondi em lingua hebraica. Lembrome que nenhuns dos presentes me p dia compreender, mas apesar disso o efeito foi surpreendente.

E' superfluo advertir que toda a propaganda de Barros Bastos é baseada na estricta observancia do hebraismo tradicional. Quaesquer que sejam as opiniões individuaes a este proposito, forçoso é reconhecer que assim se deve fazer necessariamente. A religião dos Maranos, tal como a tem conservado até hoje, contem muitos elementos puramente tradicionaes, que são diligentemente cultivados. Todo o movimento actual se funda na ideia de reconduzir o hebraismo português ás condições em que se encontrava

antes do estabelecimento da Inquisição. Proceder diversamente tiraria a esta iniciativa toda a justificação ideal, além de poder alienar-lhe a simpatia dos hebreus em geral, fazendo o jogo do obscurantismo local, que contra este movimento não pode apresentar nenhuma logica objecção.

VII

Falta de Rabinos

Um grave problema a resolver e o das guias espirituais. Muitos nucleos de Maranos reclamam «o padre» (como lhe chamam por força do habito) e dizem estar dispostos a pagar-lhe a mesma decima que pagaram ao paroco local. Mas não ha ninguem que possa prover a esta aspiração.

As novas Comunidades são abandonadas a si proprias, praticando como melhor puderem, misturando duma maneira comovente o velho com o novo.

O remedio sonhado por Barros Bastos e a instituição no Porto de uma especie de escola teologica para a qual possam ser mandados da provincia, para serem instruidos, rapazes que depois de graduados, regressando aos seus paizes, desempenharão os serviços religiosos das varias comunidades. Mas este projecto exige importantes recursos, o que, salvo se intervem algum rico mecenas a financia-lo, deverá por agora ficar em estado de sonho.

Em tudo quanto expuz, ha abundante materia para critica. Trata-se dum trabalho de pioneiros, mas duma tal especie que até agora não tinha sido tentado: não ha experiencia alguma do passado que possa servir de guia. Em mais dum ponto o critico poderá escolher um detalhe que poderia ter sido seguido diversamente, e que ele preferiria ver modificado.

Mas isso não tem influencia alguma nos resultados a conseguir. Barros é a unica pessoa activa deste movimento que já está educado nesse meio, que é indiscutivelmente português de sentimento e de origem, que tem completa familiaridade com a situação local e com a psicologia dos Maranos. E' o homem do momento: a verdadeira pessoa com quem se pode contar. Se comete qualquer erro, é por excesso de entusiasmo.

Todo o seu comportamento está demons-

trando que não teme a critica e que está sempre pronto a aceitar sugestões e a fazer tesouro delas.

Ele é ali o representante de toda a Casa de Israel, e toda a Casa de Israel tem a dever de facilitar-lhe o seu aperfeiçoamento.

VIII

A ajuda dos Irmãos

De facto ha muito a fazer. A assistencia financeira não é senão uma das maneiras. (Pois que não se pode pensar que todo este trabalho possa fazer-se sem fortes despesas, nem que as Comunidades possam estar em condições ainda por alguns anos de manterem-se por si). A assistencia financeira é pois sómente um dos aspectos do problema, se bem que seja a chave de todos os outros.

As novas Comunidades tem necessidade destas coisas: livros, jornais, revistas (os editores e os escriptores fariam uma obra de caridade sem sacrificio se mandassem exemplares das suas publicações), rolos da Lei e suas alfaias; Mezuzoth, Taletim e toda a qualidade de objectos sagrados. Melhor uso não se podia fazer do superfluo de muitas Comunidades ricas quer da Europa, quer da America.

Estas novas comunidades portuguezas não estão ainda em condições de usufruir completamente de todos estes objectos, mas, neste momento, podem servir de simbolo, como um ponto tangivel em volta do qual podem retomar a sua consciencia hebraica. Forçosamente com a proxima geração os germens agora semeados serão chegados á maturação, e a gloria do Hebraismo português poderá viver ainda, como no passado. As sinceras manifestações de simpatia e de solidariedade que lhes cheguem vindos dos irmãos da diáspora não deixarão de produzir um benéfico efeito na consciencia hebraica destas almas perdidas, que estão agora aproximando-se do seu caminho, apoz quatro séculos, para se reunirem ao nucleo central do seu povo. Trata-se pois de aproveitar o momento oportuno, e para isto a próxima geração chegaria demasiado tarde.

No domingo de manhã, preparavamo-nos para partir num comboio extraordinariamente matinal. Encontravamo-nos a braços com os segredos dum horario português, no angulo

da carruagem, quando ouvi uma exclamação de agradável surpresa e saudação da parte de minha espôsa. Barros Basto, com o qual tínhamos estado em companhia até depois da meia noite, estava de serviço e não tinha podido vir saudar-nos. Mas tinha mandado em sua vez dois dos seus discipulos. Conversamos com êles em francês. Mas a ultima palavra que ouvimos no Porto foi de bom augurio: um cordial *xalom* da parte dos dois ardentes jovens corações hebraicos, que tornaram a encontrar o seu povo.

Cecil Roth.

N. R.—Este artigo é da antoria do illustre Professor Dr. Cecil Roth, da Universidade de Oxford (Inglaterra), membro do Portuguese Maranos Committee.

Este artigo foi escripto em inglês, traduzido em italiano pelo nosso amigo e distinto correligionario Comendador José Pardo Roques, publicado no jornal «Israel» de Florença; traduzido em alemão pelo nosso correligionario Alfonso Cassuto, de Hamburg; foi traduzido em Holandez e publicado numa revista de Amsterdam, acompanhado dos retratos do Dr. Cecil Rotto e do capt. Barros Basto.

• • •

Francisco Henriques Gabinete

=

No dia 24 de Dezembro passado chamou Deus Bendito á sua presença o nosso correligionario Francisco Henriques Gabinete, inspector da Fiscalisação dos Tabacos do distrito de Castelo Branco e Presidente da Comunidade Israelita da Covilhã. Era um bom de coração e alma, dedicado à fé dos seus antepassados; foi dos primeiros que no distrito de Castelo Branco desejou abertamente praticar o judaismo; foi um homem util na Obra do Resgate, prestando um eficaz auxilio primeiramente ao sr. Samuel Swartz fornecendo-lhes

quer directa quer indirectamente os elementos para o seu trabalho «Os cristãos novos no seculo XX»; depois ao Capitão Barros Basto acompanhando numa viagem de propaganda ao seu distrito apresentando-o a varias familias criptojudias de Castelo Branco, Covilhã e Belmonte, sua terra natal. Ultimamente tinha feito uma viagem de propaganda a Penamacôr, tendo posto alguns cripto judeus dessa terra em contacto com o Mensageiro do Resgate. A este bondoso israelita Deus Bendito deu uma morte sem sofrimento, tendo-lhe dado o prazer de assistir á formação e legalisação da primeira comuuidade renascida na antiga séde do Rabinato Provincial da Beira Além-da-Serra. Como-veu-nos a noticia da morte deste justo, e, segundo as letras do Talmud, Deus guardará no seu tesouro as lagrimas que por ele humedeceram os nossos olhos.

Triste foi para nós o seu afastamento mas... Deus o deu, Deus o levou, bendito seja Deus.

• • •

Dos 4 cantos da Terra

—

Austria — A imprensa austriaca louva altamente o patriotismo do Banco Rothchild, de Viena, que acaba de prestar um grande serviço ás finanças austriacas. A imprensa da esquerda aproveitou esta ocasião para indicar ao partido anti-semita e mais particularmente ao partido cristão social, que foi a um judeu que o governo recorreu para salvar os interesses economicos da jovem Republica.

Tcheco-Slovaquia — O Presidente

da Republica, o sr. Masarik declarou ser hostil a qualquer movimento anti-judaico na Techeco-Slovaquia.

No novo ministerio deste paiz fazem parte dois israelitas ministros da Justiça e das Obras Sociais.

• • •

Terra de Israel

Em Londres, na Camara dos Comuns o sr. James de Rothchild fez uma interpelação para saber se o governo inglês fez à população arabe da Palestina ou dos paizes visinhos qualquer promessa que invalide a declaração Balfour ou as clausulas do mandato.

Drummonde Shiels, sub-secretario das Colonias respondeu que num Livro Branco publicado recentemente pelo ministerio das Colonias declara-se formalmente que na politica do governo inglês não ha nada que possa invalidar a declaração Balfour.

Tendo o sr. coronel Howard Bury interpelado o sub-secretario este respondeu-lhe dizendo que o governo sempre considerou a Palestina excluida dos territorios que durante a guerra foram prometidos aos varios chefes arabes.

—Vai ser plantada, na Palestina, uma floresta em honra do celebre professor Albert Einstein.

• • •

O que dizem de nós

Do «Comercio do Porto» (edição da tarde):

OS JUDEUS

Tomás Ribeiro, um poeta quasi esquecido, cantou a desdita da raça errante a que

Balfour pretendeu constituir um lar, na terra dos seus antepassados.

Aqui, no ocidente, estamos longe do *progroms*, massacres em massa da gente de Israel, e quasi indiferentes ficamos á sorte dos milhões que uma fé tornou ao mesmo tempo desgraçados e felizes. O martírio para os crentes deve ser felicidade.

Agora, com o apêlo de Primo de Rivera aos judeus, o ocidente parece interessar-se novamente pelo seu destino, sem que tenha vindo um caso Dreyfus a apaixonar a opinião.

O seu vigor religioso, a sua tenacidade é bem comparável ás dos primeiros cristãos de Roma em luta com o paganismo.

Ainda recentemente, dois judeus polacos, que se vieram refugiar em Portugal, pareciam surpreendidos quando um advogado lhes garantia que, entre nós, a sua qualidade de judeus em nada os poderia prejudicar. A lei era igual para todos — judeus ou não judeus.

Não era de certo lisongeiro para nós, o que pensavam uns pobres polacos do nosso país, mas em breve reconheceram que sabemos respeitar todas as creanças, principalmente quando se trata de estrangeiros.

A que obedece o convite do Primo de Rivera? Os jornais, a propósito, citam o milionário norte americano israelista Rubinstein que pela sorte dos seus correligionários espanhóis muito parece interessar-se.

E, na Espanha de hoje, aos projectos esboçados, a maioria da imprensa, com o «A B C» á frente, tem respondido:

—Mas recebe-los hemos de braços abertos.

S. F.

Boa Replica

O barão de Rotscild, famoso banqueiro judeu falecido há anos, era pessoa de fino espirito e grande repentista, encontrando sempre as mais oportunas replicas.

Em certa ocasião, num grémio que êle frequentava, um viajante, ainda bastante novo, contava com alguns indicios de bravata, algumas das suas mais aventurosas e arrojadas viagens; e referindo-se a uma ilha oceanica onde permanecera algum tempo, exaltou largamente as sua belezas naturais e a formosura das suas mulheres.

Rotscild perguntou-lhe: — E só lá existem

essas coisas notáveis, ou ainda mais algumas dignas de admiração?...

O moço viajante, contrariado pela interrupção, e passando-lhe pela mente a suspeita de que o banqueiro punha em dúvida a veracidade da sua narrativa ou a sua capacidade de observação, respondeu-lhe com insolencia.

—Tem outras, ainda. E a particularidade mais agradável que eu lá encontrei foi não ter porcos nem judeus.

Com outro, a resposta podia ter consequências ruidosas, mas Rotschild replicou imediatamente, com a maior serenidade:

—Nem judeus nem porcos!?... E' interessante! Assim, se nós dois lá 'fossemos juntos, — eu e o senhor, — havíamos de produzir enorme sensação!

• • •

Vida Comunal

PORTO

Foi recebido na aliança de Abraham no dia 12 de Janeiro (12 de Tebet) o talmid do Instituto Teologico Israelita do Porto, Tobit Israel Diogo, de 13 anos de idade, natural de Belmonte (Beira-Baixa).

—No dia 4 de Janeiro retiraram do Instituto Teologico os Talmidim Joseph Rodrigues e Ymanuel Rodrigues, ambos de Vilarinho de Mogadouro. No dia 8 entrou para aluno do mesmo Instituto o jovem Tobias Diogo, de Belmonte.

—No dia 29 de Dezembro realisou-se nesta Comunidade uma festa comemorando Hanukah, que constou de uma palestra do Capitão Barros Basto, musica hebraica, recitativo, canto coral (Ha Tikwah e Maor Tsur) pelos talmidim do Instituto Teologico, etc. No final foi servido um distinto chá pelas damas desta Comunidade.

—Visitou a nossa Comunidade o Snr. Moritz Kaufmann, de Trankfort sôbre o Mênna (Alemanha), que deixou 50\$00 para a assistencia.

LISBOA

Regressou duma viagem a França e Inglaterra o nosso correligionário e distinto membro da Academia de Sciencias, o Snr. Moses Bensabat Amzalak, digno Presidente da Comunidade de Lisboa.

—Faleceu em Londres o Snr. Mair Busaglo, pertencente a uma distinta familia israelita de Lisboa, a quem endereçamos os nossos pezames.

• • •

História Sagrada Infantil

por Ben-Rosh.

Primeiro periodo—Origens

I

A Creação

No principio creou Deus os ceus e a terra; mas a terra era ainda sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e o espirito de Deus pairava sobre as aguas.

No *primeiro* dia Deus disse: Haja Luz. E houve luz; e assim a luz foi creada.

No *segundo* dia, Deus disse: Haja uma expansão entre as aguas; e assim separou as aguas que estão em cima da expansão das que estão debaixo.

No *terceiro* dia Deus separou o mar da terra e fez nascer as plantas.

No *quarto* dia, Deus creou o sol, a lua e as estrelas, dizendo: Haja dois grandes luzeiros na vastidão do ceu para separar a noite do dia e para distinguir os dias e os anos.

No *quinto* dia, Deus creou as aves e os peixes.

No *sexto* dia creou os outros animaes e o homem.

No *setimo* dia (Shabbatte) -Deus repousou de toda a sua obra, abençoou esse dia e santificou.

Deus descansou nesse dia não porque estivesse fatigado mas para nos dar o exemplo e nos ensinar que devemos trabalhar 6

dias por semana, fazendo toda a obra que necessitarmos e consagrar o sétimo dia ao repouso e ao serviço divino.

II

Adão e Eva

Deus fez o primeiro homem com barro da terra e deu-lhe vida animando-o com o seu sopro divino; como o homem foi tirado da terra (em hebraico Adamah) Deus deu-lhe o nome de Adam e colocou-o num belo jardim chamado Eden.

Deus não achou bem que o Adam estivesse só e quando ele dormia tirou-lhe uma costela e com ela fez a primeira mulher a quem poz o nome de Eva, que quer dizer *mãe dos viventes*.

No jardim Eden havias muitas arvores de fruta saborosa e entre elas estava a *arvore da vida* e a *arvore do conhecimento do bem e do mal*. Deus disse a Adam que podia comer de todos os frutos, excepto dos da arvore do bem e do mal, pois se tal fizesse morreria um dia a serpente, que era o mais astucioso dos animas, disse a Eva que comesse dos frutos da arvore proibida. A mulher não quizeria fazer tal coisa, mas a serpente tanto teimou e taes coisas disse que Eva deixou-se convenser, comeu dos frutos prohibidos e deu-os a comer a Adam.

Apenas comeram os frutos da arvore do bem e do mal abriram-se-lhe os olhos e viram que estavam nus.

Então ouviu-se a voz de Deus e eles esconderam-se entre a folhagem. Adam, onde estás tu, perguntou o Senhor.

—Tive medo, porque estou nú e escondi-me, disse Adam.

—Quem te ensinou que estavas nu? Comeste da arvore que te proibi? perguntou Deus.

—A mulher que me deste como companheira deu-me os frutos e eu comi, respondeu Adam. Então Deus disse a Eva:—Porque fizeste isto? Ao que ella respondeu:—a serpente tentou-me e eu comi o fruto.

Então o Senhor castigou-os desta maneira; a serpente ficou maldita entre os animas e sofria condenada levar a vida sempre a rastejar no pó da Terra; a mulher foi condenada a ter muitas dôres e a crear os filhos com sofrimento; Adão foi obrigado a

trabalhar a terra para que ella desse pão para comer, até que elle voltasse á terra de onde fora creado porque elle era feito de pó e em pó se havia de tornar.

Em seguida Deus poz fóra do Eden a Adão e Eva e mandou dois anjos armados com espadas de fogo para guardarem a porta do jardim e não os deixarem entrar lá mais.

III

Abel e Cain

Os primeiros filhos de Adão e Eva foram Abel e Cain. Cain cultivava a terra e Abel guardava rebanhos.

Um dia os dois irmãos ofereceram um sacrificio a Deus: Cain ofereceu frutos da terra e Abel ofereceu anhos do seu rebanho. Deus aceitou o presente de Abel, que tinha bom coração, e desprezou a oferta de Cain, porque elle tinha coração mau.

Cain ficou cheio de raiva e passado algum tempo encontrando maus campos Abel, matou-o.

Então ouviu-se a voz do Senhor: Cain, que fizeste de teu irmão

Cain respondeu: Não sei. Eu não sou guarda de meu irmão.

E Deus disse-lhe: a voz do sangue de teu irmão grita da terra por mim. A terra que bebeu o sangue de teu irmão será maldita, não te dará frutos e tu andarás sempre errante e fugitivo.

Cain afastou-se daqueles logares e Deus pôz-lhe um sinal para que ninguem matasse e a lembrança da sua má acção o perseguisse.

Adam e Eva tiveram outro filho a quem elle cham Seth e depois tiveram mais filhos e filhas.

Cain teve filhos que foram tão maus como o pae. Seth foi bom e aos seus filhos, chamavam-lhes *filhos de Deus* porque eram muito piedosos. Entre os descendentes de Seth existiu Mathusalem que foi o homem que mais anos viveu, e Noah.

(Continua)

Visado pela Comissão
de Censura